

**A ESTILÍSTICA NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA PORTUGUESA**
STYLISTICS IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING AND LEARNING
PRACTICES

Waldiana Feitosa de Lima Silva¹
Maria Elias Soares²

RESUMO

A partir dos preceitos de Bally (1951), Câmara Jr. (1978) e Coseriu (1979,1992), sobre a valorização do aspecto afetivo na composição do signo linguístico, entendemos que há necessidade de discutir aplicações dos estudos estilísticos ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, que possam desenvolver no aluno um olhar diferenciado para a funcionalidade e o efeito dos traços estilísticos nas práticas discursivas. Isto porque a abordagem do ensino da língua nas salas de aula não contempla as diversas vertentes da Linguística, a exemplo da Estilística, que investiga como o efeito de sentido é atribuído ao léxico e ao enunciado. Este artigo tem por objetivo refletir sobre as contribuições da Estilística para a ampliação das habilidades comunicativas, no que diz respeito à interpretação dos recursos expressivos e à produção linguística com marcas autorais. As estratégias de análise estilística aqui discutidas partem do pressuposto de que é imperativo que o aluno desenvolva uma consciência linguística que permita diferenciar o efeito ocasionado pelo desvio da norma, como um uso aceito pela língua enquanto sistema e o efeito ocasionado pelo desvio da norma em uso, o qual, embora seja aceito pela língua, é considerado inadequado em muitos contextos comunicativos. Sendo assim, o aluno estará habilitado a diferenciar o erro ou variante linguística inaceitável e o desvio ou estratégia estilística de expressividade.

PALAVRAS-CHAVE: *Estilística; BNCC; habilidade; ensino de língua portuguesa.*

¹ Mestre em Letras, pelo Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7418-3645> E-mail: wwaldiana@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Ceará, atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no ProfLetras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3747-1941> E-mail: meliassoares@gmail.com

ABSTRACT

Since Bally (1951), Câmara Jr. (1978) and Coseriu (1979, 1992) precepts about the affective aspect appreciation in the linguistic sign's composition, it has been knowledgeable that it is needed to discuss the stylistic studies application to the Portuguese language teaching and learning, which may help the student to develop a functionality differentiated view and the stylistic features effect in discursive practices. This is because the language teaching approach in classrooms does not take into account the Linguistics various fields, such as Stylistics, which investigates how the meaning effect is attributed to the lexicon and the utterance. This article aims to reflect on the Stylistics contributions to the communicative competence expansion, with regard to the expressive resources' interpretation and linguistic production with authorial marks. The stylistic analysis strategies presented here are based on the assumption that it is imperative to the student develops a linguistic awareness that allows him/her to differentiate the effect caused by a deviation from the norm, as a use accepted by the language as a system, and the effect caused by a deviation from the norm in use, which, although accepted by the language, is considered inadequate in many communicative contexts. Therefore, the student will be able to differentiate the error or unacceptable linguistic variant from the deviation or stylistic strategy of expressiveness.

KEYWORDS: *Stylistics; BNCC; competence; Portuguese language teaching.*

INTRODUÇÃO

Estudar a linguagem, um objeto eminentemente plural, exige uma delimitação do objeto *lingua*. Ainda assim, estaremos diante de um fenômeno complexo, multifacetado e heterogêneo, com contribuições de diversas áreas, por disporem do mesmo objeto de estudo, os elementos linguísticos. Nesse sentido, em sintonia com a ideia de Saussure de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 2006, p. 15), analisaremos, sob o ponto de vista da Estilística, de que forma os elementos linguísticos atuam como traços de estilo. A dinâmica de ampliação ou de delimitação do foco sobre a língua, segundo Dascal, tem trazido transformações importantes para os estudos linguísticos, pois as contribuições de diversas áreas têm enriquecido o campo da Linguística.

Os métodos de observação e análise dos dados, a própria delimitação do objeto de estudo e, conseqüentemente, também os resultados obtidos – nada ficou imune a essas mutações. Longe de terem cessado, elas continuam a processar-se ainda hoje, diante de nossos olhos. Teorias diferentes, muitas vezes opostas em relação a questões fundamentais, continuam disputando a primazia dentro da linguística atual. A evolução recente dessa disciplina, portanto, constitui-se num campo privilegiado para o estudo dos vai-e-vens do pensamento científico” (Dascal, 1982, p. 18-19).

Weinrich (1981) estabelece uma distinção entre a Linguística e a Estilística. Segundo o autor, cabe à Estilística investigar os usos expressivos de determinados

elementos num texto específico; já à Linguística cabe descrever o funcionamento desses elementos em qualquer discurso real ou possível. Bally (1951) também dividiu a ciência da língua em dois ramos: a Linguística, que estuda a *langue* enquanto sistema de signos conceituais, enquanto a Estilística estuda a mesma *langue* enquanto sistema de signos afetivos.

O objetivo deste trabalho consiste em tratar as expressões linguísticas, sob o ponto de vista do conteúdo afetivo. Dessa forma, na primeira seção mostraremos o caráter autônomo e científico da Estilística. Para tanto, cotejamos conceitos sobre tonalidades afetivas postulados por Bühler e Bally, para assim entendermos como o valor afetivo participa da constituição do signo e como o traço estilístico confere aspecto valorativo de expressividade à palavra.

Na segunda seção, refletimos sobre quais contribuições o estudo dos traços estilísticos pode trazer para a formação linguística do aluno, ressaltando a importância de enfatizar o conceito de língua/sistema, norma/usos coletivos e fala/uso individual, sob a perspectiva de Coseriu (1992) nas práticas discursivas em sala de aula.

Na última seção, demonstramos como a Estilística Lexical pode basear a análise de usos contextualizados, concretizados em gêneros discursivos diversos, como crônica ou textos publicitários. Embora exemplifiquemos, neste artigo, práticas de ensino-aprendizagem por meio de registros escritos, é recomendável que as análises linguísticas partam das situações de uso na modalidade oral.

Tal decisão evidenciada em nossas discussões está em concordância com os postulados de Coseriu (1979), quando afirma que é no uso que ocorre a atualização da norma. Essa perspectiva norteou nossas análises e nos conduziu à conclusão de que a depender do tipo e da intenção do desvio da norma, é por meio desse artifício que evidenciamos o efeito estilístico. Portanto, para que o aluno desenvolva a habilidade de conferir autoria à sua produção discursiva, é necessário o instigarmos a refletir sobre o conceito de estilo e a diferenciar o conceito de desvio como uma inadequação intencional, ou seja, recurso estilístico, e como inadequação não intencional.

1 A ESTILÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O prenúncio da Estilística deu-se no seio da Retórica, estendendo-se até o início do século XIX. A partir daí, o termo Estilística passa a ser usado dentro da Antropologia linguística. No final do século XIX, Antoine Meillet defende que fatores sociológicos, dentre eles os estilos linguísticos, em diferentes ambientes sociais, influenciam a criação de uma língua (Meillet, 1948). Por sua vez, Henri Delacroix classifica os estilos linguísticos em individual, coletivo e geral, e afirma que os meios expressivos, decorrentes da ação de fatores psicossociais, ocasionam um desvio da norma gramatical (Delacroix, 1930). Sob a concepção de que a relação entre o mundo psicológico e a língua (que o reproduz) constitui os traços estilísticos de uma linguística afetiva, começa a ser definida a autonomia da Estilística como disciplina por Joseph Vendryès, Benedetto Croce e Karl Vossler.

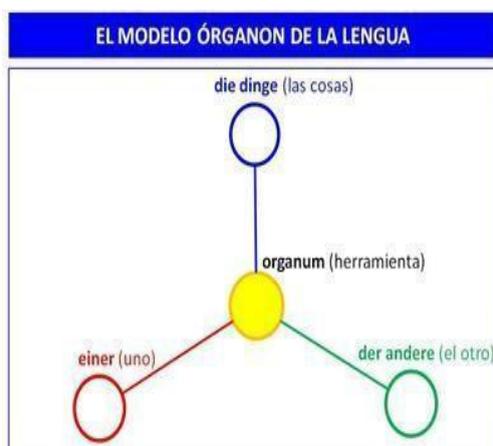
Os ensaios de Charles Bally, publicados originalmente nas obras *Traité de stylistique française*, em 1909, e *Le langage et la vie*, em 1920, expõem um método de análise estilística aplicável ao francês, que amplia a concepção do signo linguístico

saussureano. Para Bally (1951), o signo compreende significante (imagem acústica), significado (conceito) e afetividade (aspectos expressivos). Para o autor, caberia à Estilística estudar como os conteúdos afetivos, expressos na langue, convertem o sistema estrutural, lógico, abstrato e impessoal da língua numa atividade linguística concreta com tom variável de expressividade e significação para o signo, a depender do contexto social de uso desse na língua. Assim, o foco de Bally não estava na condição psicofísica ou fonética da parole, mas no efeito significativo e estético que emergia do sistema em uso na langue (Bally, 1951, 1962).

De acordo com Martins (2012), Bally foi o primeiro linguista a distinguir com precisão a diferença entre conteúdo linguístico e conteúdo estilístico. Enquanto aquele é o conteúdo informativo e neutro presente na estrutura sistêmica, este é o conteúdo subjetivo e intencional atribuído a essa estrutura. Compreende-se que o conteúdo estilístico contém o conteúdo linguístico, mas o inverso nem sempre é possível, pois é na manipulação intelectual e intuitiva dos recursos da língua que se constrói o traço estilístico. Esse processo estilístico de uso consciente dos recursos oferecidos pelo sistema, que amplia a significação do signo, foi denominado por Bally de Estilística da Língua.

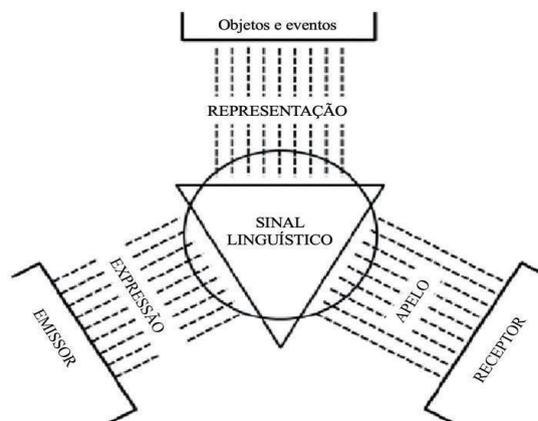
Em 1934, Karl Bühler publica na obra Teoria da Linguagem o modelo denominado *Órganon*, como o instrumento fenomenológico da linguagem que permite a existência do conteúdo afetivo, chamado tonalidade afetiva. Para Bühler (2011), o *Órganon* serve para comunicar a outrem algo sobre as coisas, por meio de um fenômeno perceptível pelos sentidos. É o ponto de congruência entre as três funções (representativa, expressiva e apelativa) que concomitantemente constroem o sentido do signo. Tais funções atuam, respectivamente, no conceito de mundo para o objeto, que é alterado pelo conceito intencional comunicado pelo emissor e, por fim, ocorre mais uma atualização da significação sígnica pelo conceito interpretativo do receptor durante o ato linguístico.

Figura 1- *Órganon* de Bühler



Elaborado por Chamorro (2012), inspirado em Bühler (2011)

Figura 2 – Modelo orgânico da Linguagem



Bühler (2011, in: Freitag; Cruz; Nascimento, 2021)

Saussure (2006) considera a *langue* como um sistema intelectual, representativo, coletivo, cuja convencionalidade semiótica ocorre devido à sua função comunicativa social; enquanto a *parole* é uma manifestação assistemática e heterogênea. De acordo com Câmara Jr. (1978), essa postura saussureana ocasiona uma “mutilação” do fenômeno linguístico, pois diversos elementos não foram contemplados. Exemplo disso são os aspectos paralinguísticos, extralinguísticos e afetivos ou intuitivos. Esses aspectos desconsiderados comporiam o conceito de língua ou estilo individual e seriam o objeto de estudo da Estilística. Para Câmara Jr. (1978, p.14-15), “Dos fatos da fala, que são uma ganga heterogênea e confusa, emerge o simbolismo representativo do sistema intelectual da língua e um simbolismo mais amplo, que lhe permite consubstanciar estados d’alma profundos e o apelo de uma vontade ativa.”

Segundo Câmara Jr. (1978, p. 15), “O sujeito falante rege-se por um sistema linguístico de representações intelectivas que estabelece a comunicação pela linguagem, e simultaneamente o utiliza para satisfazer os seus impulsos de expressão.” O autor apresenta a Estilística como uma disciplina autônoma, e sugere que há um aspecto cooperativo e complementar entre a Estilística e a Gramática. Segundo Câmara Jr. (1978, p.14), “estamos na língua no sentido estrito, mas dela transborda o ato linguístico, que é a enunciação do termo em dadas circunstâncias, porque nele se revela o entusiasmo de quem fala ou ainda o seu esforço para fazer o outro interlocutor a participar desse entusiasmo.” Compreendemos, assim, que para uma análise linguística mais completa é necessário correlacionar a Estilística com as demais vertentes: Morfologia, Fonética, Sintaxe e Semântica, pois a identificação dos recursos estilísticos possibilita uma interpretação de sentido mais abrangente para o texto e auxilia a compreensão da categorização em classes gramaticais que a palavra assume a partir de cotejo entre função na língua (senso estrito) e função no uso (ato linguístico). O exemplo 1 justifica tais conclusões.

Exemplo 1



A palavra AMOR, quando descontextualizada, limita-se às considerações da Gramática (substantivo que designa sentimento de afeição). Quando contextualizada, esse sentido, gramaticalmente definido, é ampliado para outros tons de expressividade estilística, de modo que a palavra AMOR pode reportar doação, traição, perdão etc.

Exemplo 2

Tenho observado que no trânsito caótico e perigoso do Rio os **mautoristas** estão conduzindo na maior tranquilidade. (O Globo, 14/11/2010)

Legenda: LOPES (2011, p.114)

À luz da Estilística, a palavra *mautoristas* tem uma carga negativa de inabilidade ao dirigir, perceptível na modificação de MO + TORISTAS para MAU + TORISTAS. Já à luz da Gramática, a palavra *mautoristas*, por vir antecedida do artigo OS, designa o ser (que conduz veículo motor) conhecido por motorista ou condutor, tratando-se de um substantivo. No entanto a interpretação de sentido de MAU em *mautoristas* conduz para a compreensão de uma função caracterizadora. Observa-se um desvio intencional da norma, o qual confere traço de autoria estilística ao dar um tom criativo de caracterização a uma classe de motoristas. Analisar esse enunciado pelo viés gramatical permite refletir sobre a forma e a função do léxico, no entanto é pelo viés estilístico que se destaca o sentido.

Essa reflexão estilística amplia os horizontes interpretativos do leitor e pode conduzi-lo a outras compreensões possíveis, tais como:

1. Que nível de caracterização negativa por meio da substituição da sílaba MO por MAU (no sentido de dirigir mal ou dirigir muito mal ou ainda não ter habilidade nenhuma de dirigir) é conferido a esse segmento de motoristas?
2. Qual o posicionamento crítico do autor quanto às condições de mobilidade dos motoristas naquele contexto histórico-social do Rio de Janeiro?
3. Qual a intenção comunicativa do autor (ironizar, denunciar, promover uma ação) diante dos leitores na condição de atuais ou de futuros motoristas?

Seguindo, ainda, pelo viés estilístico aplicável ao ensino de Língua Portuguesa, outras habilidades relacionadas à produção linguística do aluno podem ser exploradas, por meio dos exemplos 1 e 2. Pode-se verificar a mudança do tom de expressividade ao trocar MAUTORISTAS, por não habilitados (sem carteira de habilitação) ou inabilitados (sem habilidade); identificar o nível de expressividade de vocábulos similares utilizados em diferentes contextos sociais (diálogo entre instrutor de autoescola e aprendiz, ou diálogo entre motoristas durante colisão com vítimas); promover a reescrita do enunciado preservando o objetivo comunicativo e aplicando outros recursos estilísticos para a ampliação da expressividade no referido enunciado.

Tais recursos de inclusão do olhar estilístico na compreensão e produção do signo linguístico evidenciam a autonomia da Estilística no processo de aperfeiçoamento das habilidades comunicativas praticado pelos professores em sala de aula, em consonância com os estudos propostos por Bally e Bühler, os quais consideram que a tonalidade afetiva é elemento constituinte do signo linguístico.

2 A FORMAÇÃO DA COMPETÊNCIA PARA UMA PRÁTICA ESTILÍSTICA

Segundo Câmara Jr. (1978, p.16), a Estilística defronta-se com três tarefas:

1. caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade;
2. isolar os traços do sistema, que não são propriamente coletivos e corroboram uma língua individual;
3. identificar e interpretar os dados expressivos, determinados pela manifestação anímica e pelo apelo ou atuação social.

Essa última tarefa da Estilística está fundamentada em Bühler. Para o autor, o signo, além da função de representação mental que transmite a informação, apresenta outras duas funções: a manifestação anímica que revela os estados psíquicos/afetivos carregados pelo signo, e a atuação social ou apelo que influencia no comportamento do ser.

Desse modo a Estilística possibilita a compreensão dos elementos expressivos almejados entre os interactantes, compreensão que viabiliza a comunicação entre os participantes e afeta seu comportamento intuitivo e intelectual. Se a Estilística trata da tonalidade afetiva, que repercute no comportamento comunicativo e, por isso, tem o status de ciência ou disciplina na visão de estudiosos da linguagem como Bally, Bühler e Câmara Jr.; então é importante considerá-la no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Câmara Jr. (1978) definiu a tonalidade afetiva como uma atividade da inteligência intuitiva acionada pelas experiências, circunstâncias e sensações. Esse fenômeno, por manter relação com as experiências extralinguísticas do indivíduo, teria um caráter heterogêneo, ou seja, variável para cada indivíduo. Desse modo, uma expressão linguística, no âmbito da langue, apresentaria um significado neutro, mais informativo e referencial, enquanto, no âmbito do uso, abriria o leque de significado(s) afetivo(s), pois esse é atribuído à expressão, segundo sua atuação social.

Para Coseriu (1979), o fenômeno da tonalidade afetiva não emerge da parole nem da langue. Segundo o autor a langue é o sistema abstrato ou a estrutura da língua que oferece os elementos linguísticos de representação no mundo das ideias. Tais elementos são as ferramentas a serem utilizadas pelos usuários, portanto há total ausência de tonalidade afetiva, pois se evidencia a função representativa do signo. Com respeito à parole, essa engloba os aspectos psicofísicos da fala, sob os aspectos paralinguísticos, fisiológicos e da realização linguística individual. Nessa esfera, som, entonação e pronúncia, analisados isoladamente, ou ainda fora de um contexto de uso linguístico, não apresentam por si sós sentido afetivo, pois esses precisam estar relacionados com as experiências extralinguísticas vivenciadas pelos interlocutores.

Coseriu (1979) reconhece que a langue e a parole exercem relações limitadas na constituição do fenômeno da tonalidade afetiva, pois nenhuma é responsável exclusivo e suficientemente pela ocorrência desse fenômeno. Para solucionar esse impasse, Coseriu volta aos conceitos de langue e parole de Saussure e mostra que essa bipartição sempre foi inconveniente para os estudos da linguagem, pois deveria haver uma ponte que unisse e relacionasse langue e parole. A existência dessa condição intermediária justificaria a multiplicidade de sentidos para o mesmo significante presente na langue e

as variações fonéticas na parole atribuídas a um mesmo significante que, ainda assim, designa o mesmo signo. O elo entre langue e parole é estabelecido pela NORMA, lugar de ocorrência do uso linguístico socializado, segundo Coseriu (1979).

Figura 3



Fonte: Elaborado pelas autoras, adaptado de Coseriu (1979, p. 25)

Compreende-se que, enquanto o sistema é o modo de expressão intelectual ou lógico, neutro, por ser despido de afetividade e lugar das ideias puras, a norma é o lugar do produto linguístico, a atualização do sistema ou da língua comum, composta pelas particularidades sociais da linguagem e pela variável “expressividade de sentido”, dada pelos interlocutores segundo o contexto e intenções que envolvem suas ocorrências linguísticas. Coseriu (1979, p.213) afirma ainda que “Norma e sistema não são, pois, conceitos *a priori* que nós aplicamos ao falar concreto e menos ainda realidades autônomas, destacadas da fala, mas formas que se manifestam – ou melhor, que nós distinguimos – nos próprios atos linguísticos individuais.”

As argumentações do autor mostram sua convicção no propósito de que se parta da análise do uso para se refletir sobre a funcionalidade do sistema e sobre a operacionalização fisiológica da fala. O uso linguístico revela que o indivíduo recria no seu falar modelos e estruturas correntes na sua comunidade. Essas estruturas são constantes e convencionalizadas pelo grupo de falantes envolvidos; essa é a norma linguística social que limita a liberdade expressiva e restringe a utilização das possibilidades oferecidas pelo sistema. As reestruturações ocorridas dentro da norma social são feitas por escolhas linguísticas do falante. Algumas ocorrências podem surpreender as expectativas da norma social, chegando até parecer uma violação ou desvio da norma, mas não são, pois estão dentro das possibilidades do sistema. Traços estilísticos individuais e recorrentes são denominados de norma individual por Coseriu. Cremos que essas escolhas (permitidas pelo sistema e destoantes da norma social) guardam os traços estilísticos que caracterizam não uma violação da norma, mas, sim, uma intensificação da expressividade que valoriza o sentido do signo.

A respeito da violação da norma, Lopes (1976) afirma que duas coisas acontecem com o desvio: ele pode ser interpretado como erro ou como acerto. No

primeiro caso, o autor o chama de desvio disfórico, ou seja, não é de ordem poética; já no segundo caso, temos um desvio eufórico por ser poeticamente intencional. Essa classificação, no entanto, dependerá dos critérios da norma, que variam conforme a historicidade contextual dos falantes. A partir dessa condição, o interlocutor precisa conhecer os limites da norma.

Nossa compreensão é congruente com o ponto de vista de Coseriu, pois ele sugere que os estudos devem partir da análise do produto (usos linguísticos em situação comunicativa) para chegar à compreensão do sistema, pois é na norma que acontece a atualização do sistema. Essa perspectiva de Coseriu corrobora a visão de ensino de Língua Portuguesa, nos últimos documentos oficiais que orientam as práticas de ensino no Brasil. É o caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Que traz o compromisso de que os currículos aproximem os conteúdos linguísticos das vivências e da aplicabilidade desses do cotidiano do aluno:

(...) contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas. (Brasil, 2017, p.18)

A capacitação do aluno, para conhecer a norma e reconhecer o sistema em suas possibilidades, por meio dos usos e vivências contextualizadas, possibilita o fazer autoral do aluno como é orientado pela BNCC, na formação da 5ª competência geral (dentre as dez que o aluno deve apresentar durante sua vida escolar):

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017, p.9)

Na BNCC, afirma-se que o desenvolvimento de tais habilidades culmina no amadurecimento do aluno, até que ele se sinta apto a “acessar e produzir informações e conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo de autoria” em suas práticas linguísticas. Tais normativos da BNCC sobre a educação brasileira nos levam a refletir sobre como a Estilística, sendo ciência e disciplina, tem presença essencial no desenvolvimento linguístico e pode manter relação de cooperação com a Gramática, na abordagem dos recursos sistêmicos da língua e na ampliação dos usos desses, com a Semântica, a Interpretação e a Produção Textual, na leitura e compreensão dos efeitos de expressividade e em produções linguísticas, tanto orais quanto escritas, que auxiliem uma comunicação mais eficiente. Essa contribuição da Estilística ao ensino estão em consonância com o que Elia (1955, p. 83) cita a respeito de Bally:

Daí o paralelismo entre as partes da Gramática e as da Estilística, mas não que haja um sistema justaposto ou superposto ao outro. Note-se ainda que muitas vezes se define o estilo como a resultante das escolhas entre as possibilidades oferecidas pela língua. A Gramática daria as regras obrigatórias; mas, por entre as malhas da Gramática, o estilo se insinuaria.

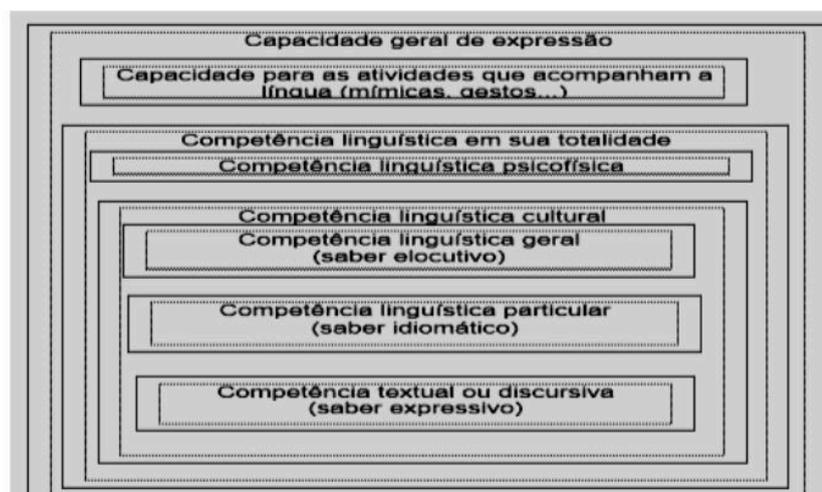
Após termos encontrado o lugar e a função da Estilística no ensino de Língua Portuguesa, convém agora refletirmos sobre como sensibilizar o aluno a respeito da importância de desenvolver seu olhar estilístico, de aguçar os sentidos da língua e de levá-lo para um fazer expressivo. Para a BNCC, o ensino da Língua Portuguesa deve ter o objetivo de ampliar as capacidades comunicativas, a fim de formar um cidadão atuante, por meio dos usos linguísticos. Nisso se resume a competência geral que se anseia desenvolver no aluno, cujas habilidades são elencadas pela BNCC nos diversos campos de aprendizagem da Língua Portuguesa. A partir disso, cremos que é necessário definir competência(s) e habilidade(s) para os alunos, também, dentro da perspectiva Estilística, conforme os tipos de competência linguística apontados por Coseriu (1992). Com base nessas competências podemos trazer contribuições para a formulação do conceito de competência estilística.

Para Coseriu, cada plano exige uma competência para tratar de um conteúdo linguístico correspondente, de modo que há perspectivas ou focos investigativos diferentes dentro da “Linguística Integral”. Coseriu & Lamas (2010, p.8) ainda chegaram a classificar a linguística em universal, histórica e individual, com os conteúdos descritos a seguir:

- 1 o nível universal do falar em geral -- saber elocutivo -- designação referencial;
- 2 o nível histórico das línguas --- saber idiomático --- significado
- 3 o nível individual dos textos --- saber expressivo --- sentido.

A Figura 4 expõe a correlação entre as competências, e a influência de cada uma na formação das práticas comunicativas.

Figura 4



Fonte: Coseriu (1992, p.81)

Pode-se observar que o nível individual trata do sentido, logo o indivíduo

escolhe elementos linguísticos para, por meio desses, comunicar sentido. Se cabe à Linguística identificar esse sentido, entendemos que é papel da Estilística analisar como esse sentido pode ser valorizado, esteticamente enfatizado. Visto que é necessário um saber expressivo como competência linguística, acreditamos que, para um fazer estilístico, o falante precisa dispor de uma competência estilística. Nesse ponto, o conceito de tonalidade afetiva é o elemento base do saber expressivo. Elia (1955) cita, baseado em Bally, que é preciso ter competência para escolher recursos da língua e utilizá-los com fins estilísticos, a fim de comunicar com mais expressividade. A competência estilística e o saber artisticamente expressivo requerem que se desperte nos alunos habilidades como: escolha e articulação diferenciada de termos que surpreendam a norma, ampliação da expressividade relacionada a contexto ou intenção comunicativa, manipulação e manutenção de traços que evidenciem um estilo específico.

As competências, anteriormente elencadas, estão em concordância com o modelo de método comparativo de Bally (1951). Para este autor, numa análise estilística, deve-se observar o grau e a natureza entre norma e uso. O autor vê o uso estilístico como um diferencial do desvio sobre a norma. No decorrer do desenvolvimento dessas competências, o professor, sensível às contribuições da Estilística, precisa auxiliar o aluno a compreender, por exemplo, o valor da expressividade lexical, por meio da comparação entre classificações e significações nos contextos de uso, para que o discente esteja apto ao fazer estilístico. Conhecer a norma significa ter recurso para o fazer estilístico; é necessário habilitar o aluno para o fazer artístico-estilístico, ou seja, capacitá-lo a surpreender o interlocutor pela violação criativa da norma.

Para o aluno desenvolver o fazer estilístico, ele precisa adquirir habilidades derivadas da competência 5 da BNCC, tais como:

1. conhecer as ferramentas linguísticas que estruturam seu idioma – pelo acesso à Gramática e aos seus componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos;
2. compreender as possibilidades de usos linguísticos em contextos comunicativos– pelo acesso à Pragmática;
3. interpretar os sentidos dos usos linguísticos – pelo acesso à Semântica;
4. manipular os elementos linguísticos, para ampliar ou reduzir o valor de expressividade desses pelo acesso à Estilística.

Acreditamos que a Gramática, a Sintaxe, a Pragmática, a Semântica e a Estilística cooperam entre si, pois têm em comum o mesmo processo linguístico. Se esse é analisado na perspectiva de cada área, isoladamente, perder-se-á a oportunidade de conhecê-lo em sua complexidade. Por essa razão, o ensino de Língua Portuguesa deve se utilizar da interdisciplinaridade entre áreas, principalmente se um dos alvos for o despertar para o fazer estilístico.

A fim de alcançar esse propósito, convém distinguir as diversas áreas da Estilística, como o fez Martins (2012), em Estilística do som, da palavra, da frase e da enunciação. Cremos que cada subárea citada pode ser mais ou menos trabalhada, a depender de cada fase escolar considerada. Por exemplo, na Educação Infantil a ludicidade no ensino dessa fase pode ser amplamente explorada mais pelas nuances da Estilística do Som e menos pela Estilística da Palavra. Já no Nível Fundamental pode

ocorrer o inverso, visto que, entre o 1º e o 9º ano, acontece paulatinamente a ampliação do “repertório lexical” do aluno, embora as outras subáreas da Estilísticas precisem também estar presentes.

3 A ESTILÍSTICA APLICADA AO ENSINO DA ANÁLISE LINGUÍSTICA

A aquisição do “saber expressivo” como competência estilística ocorre por intermédio do desenvolvimento de habilidades como o reconhecimento do ser e do fazer artístico-estilístico. Para que o aluno acesse essa competência, sugerimos estratégias que explorem o sentido do léxico, ou seja, tratamos da Estilística Léxica ou Estilística da Palavra, pois cremos que essa estrutura sintagmática menor pode causar interesse no aluno e, assim, motivá-lo a explorar sintagmas mais expandidos. A nomenclatura acima é tomada de Martins (2012, p. 97): “A estilística léxica ou da palavra estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”.

Nossa proposta consiste em exemplificar contribuições da Estilística no ensino da Língua Portuguesa. Para isso, elaboramos uma proposta para analisar estilisticamente trechos da crônica “O amor acaba” de Paulo Mendes Campos (Campos, 2013).

“**O amor acaba**. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; (...) na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e **acaba o amor** no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o **amor tinha acabado**; (...) em Brasília *o amor pode virar pó*; no Rio, *frivolidade*; em Belo Horizonte, *remorso*; em São Paulo, *dinheiro*; uma carta que chegou depois, **o amor acaba**; uma carta que chegou antes, e o **amor acaba**; na descontrolada fantasia da libido; às vezes **acaba** na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes **acaba** em *ouro e diamante*, dispersado entre astros; e **acaba** nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e **acaba** no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e **acaba** depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; **às vezes não acaba e é simplesmente esquecido** como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; **às vezes o amor acaba** como se fora melhor nunca ter existido; mas **pode acabar** com *doçura e esperança*; uma palavra, muda ou articulada, e **acaba o amor**; na verdade; no álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares **o amor acaba**; a qualquer hora **o amor acaba**; por qualquer motivo **o amor acaba**; *para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba*.

3.1 Tonalidade afetiva da palavra AMOR

Após a leitura da crônica “O amor acaba” de Paulo Mendes Campos, fica evidente que o sintagma O AMOR ACABA traz a temática central a ser tratada na crônica. A repetição intensifica a ideia de que o sentimento atinge as pessoas em circunstâncias variadas, como um acontecimento cotidiano. É possível comparar o sentido dicionarizado da palavra AMOR e o sentido construído pelo escritor para essa palavra nos diversos contextos e questionar se a palavra AMOR conserva a mesma tonalidade expressiva. Outra atividade necessária trata de refletir sobre por que AMOR aparece como sujeito de acabar, usado como verbo intransitivo, quando, na verdade, são as pessoas as responsáveis pelo fim do amor. Até esse momento aspectos morfológicos e sintáticos foram tratados para mostrar a tonalidade afetiva da palavra AMOR no texto.

Em seguida, apresentamos a proposta de analisar se a responsabilidade pelo término do amor deve recair sobre o próprio amor ou sobre as pessoas envolvidas num enlace amoroso. Assim, pode-se questionar o efeito da substituição da palavra AMOR por outro(s) substantivo e avaliar se a nova palavra preserva a intensidade de sentido e a intenção comunicativa presente no recurso estilístico de repetição da palavra AMOR. Essas orientações evidenciam a Semântica e a Estilística atuando de maneira interdisciplinar, a fim de proporcionar ao aluno uma maior compreensão das ideias dos textos, das intenções do autor e dos recursos estilísticos utilizados.

Posteriormente questionamos se o autor cita predominantemente as causas ou as circunstâncias de o amor acabar. A partir disso, convém saber como o autor caracteriza o sentimento e as pessoas nele envolvidas e qual recurso estilístico foi utilizado para esse fim. Nesse momento é possível analisar se o autor descarta a agentividade e culpa o amor, pois é esse que é enfatizado nas diversas situações. Isso pode gerar uma reflexão pragmática sobre como as pessoas têm conduzido suas relações amorosas com base no trecho “uma palavra, muda ou articulada, e **acaba o amor**”.

A aplicação das análises interdisciplinares, anteriormente comentadas, conduzem o aluno à compreensão de que recursos linguísticos foram estilisticamente organizados, a fim de que o tom expressivo das ideias atingisse com eficácia a compreensão do leitor sobre a mensagem do autor. Ao final, propõe-se que algumas palavras, destacadas em trechos da crônica, sejam permutadas por outras, para, depois, avaliar se essas substituições proporcionam trechos com maior ou menor expressividade, segundo as ideias pretendidas pelo autor. Por fim, sugere-se a produção de um novo texto ou a continuação da crônica, contando como aconteceria *o recomeço do amor*.

3.2 Sugestão de atividade para uma análise léxico-estilística, com base nas habilidades derivadas da competência 5 da BNCC

Habilidade 1: conhecer as ferramentas linguísticas que estruturam o idioma – pelo acesso à Gramática e aos seus componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos.

1. Há um sintagma que se repete mais de dez vezes no decorrer do texto e que traz a temática central. Que sintagma é esse?
2. Qual o conceito da palavra AMOR? E qual classificação gramatical dessa palavra predomina no texto?

3. O autor recorre à mesma estrutura sintática “O amor acaba/ acaba o amor/o amor tinha acabado”. Que palavra está na condição de sujeito oracional? Com base nisso, responda:

- a) No dia a dia, quem finda a existência do amor é ele próprio ou as pessoas?
- b) Por que o autor coloca o amor na condição de sujeito que pratica a ação verbal e não de objeto que complementaria uma ação verbal?

Habilidade 2: interpretar os sentidos nos usos linguísticos – pelo acesso à Semântica.

4. Na sua opinião, todas as ocorrências da palavra AMOR têm o mesmo sentido ou essa palavra poderia ser substituída por outra? Qual?

5. Se o autor tivesse optado por substituir algumas ocorrências de AMOR pelo pronome pessoal reto ELE, preservar-se-ia o efeito de sentido desejado pelo autor?

Habilidade 3: compreender as possibilidades de usos linguísticos em contextos comunicativos– pelo acesso à Pragmática.

6. Predomina no texto a citação de causas ou a citação de circunstâncias para o fim do amor? Por que isso acontece no texto?

7. A partir das evidências cotidianas que testemunham ora o início, ora o fim do amor; como podemos caracterizar esse sentimento e as pessoas que o vivenciam?

Habilidade 4: manipular os elementos linguísticos para ampliar ou reduzir seu valor de expressividade, pelo acesso à Estilística.

8. Por que o autor optou pela repetição sistemática da expressão “O amor acaba”?

9. Essa repetição evidencia o sentido de que o amor é um sentimento instável e perene na vida das pessoas? Justifique sua resposta.

10. Observe o trecho “... às vezes **acaba** na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes **acaba** em *ouro e diamante*...” e responda:

- a) As expressões “mesma música, mesmo drinque, mesmos cisnes” transmitem a ideia de que o amor começou e acabou em que circunstâncias?
- b) O efeito de sentido que a expressão “ouro e diamante” dá ao sentimento amor é o mesmo efeito transmitido pelas expressões “mesma música, mesmo drinque, mesmos cisnes”?
- c) As palavras “ouro e diamante” em outros contextos comunicativos carregam comumente a ideia positiva de prosperidade e riqueza. Se relacionarmos “ouro e diamante” com a expressão “o amor acaba”, mantém-se o sentido de positividade ou transmite-se outro sentido?

11. No trecho “... mas **pode acabar** com *doçura e esperança*; uma palavra, *muda* ou

articulada, e **acaba o amor**; na verdade; no *álcool*; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares **o amor acaba**; a qualquer hora **o amor acaba...**”, observe o sentido contido nas palavras em itálico e substitua cada palavra por outra que amplie a expressividade tão desejada pelo autor:

- a) “na verdade, no *álcool*” _____
- b) “mas **pode acabar** com *doçura* e esperança” _____
- c) “uma palavra, *muda* ou articulada” _____

12.No trecho “por qualquer motivo **o amor acaba**; *para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.*”, localizado ao final da crônica, temos a sugestão do motivo para o término do amor e a possibilidade de recomeço do amor. Escolha uma das sugestões e elabore uma breve crônica na qual o jogo de palavras empregadas enfatize expressivamente a ideia escolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição autônoma da Estilística como disciplina e ciência que é ramo da Linguística decorre de objeto de estudo (o valor expressivo das palavras como efeito estilístico) e de método investigativo (o comparativo elencado por Bally). Isso permite a abordagem dos recursos estilísticos em sala de aula desde as séries iniciais até as finais. Por meio da nossa proposta de atividade, compreendemos como a Estilística proporciona a compreensão do fenômeno linguístico em sua complexidade, pois os critérios estilísticos mantêm relação estreita com outras áreas que estudam a língua como Gramática, Sintaxe, Semântica e Pragmática.

Compreender o produto linguístico em sua complexidade, vai requerer do aluno competência para reconhecer o fazer artístico-estilístico. Para isso, nas aulas de Língua Portuguesa, devem ser realizadas atividades e promovidas práticas discursivas que desenvolvam as habilidades estilísticas do aluno. Assim como Coseriu propõe o saber expressivo como uma competência textual-discursiva para o conhecimento do produto linguístico, tentamos elencar aspectos para a composição da competência estilística. Nosso objetivo é ampliar as discussões sobre a necessidade de despertar no aluno sua competência para a compreensão e a realização do fazer estilístico, de modo que nossas provocações venham a contribuir para a realização de novos estudos sobre a importância de abordar a Estilística nas práticas de ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

BALLY, Charles. **Traité de stylistique Française**. Paris: Klincksieck, 1951.

BALLY, Charles. **El lenguaje y la vida**. 1. ed. Traducción de Amado Alonso. Buenos Aires, Argentina: Editorial Losada, 1962.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em: 15 set. 2024.

BÜHLER, K. **Theory of language**: the representation function of language. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

CÂMARA JR., J. M. **Contribuição à Estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**: crônicas líricas e existenciais. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CHAMORRO, Juan. **ERA**: La Tríada Matriz de la Comunicación Oral. 2011. Disponível em http://comunicacion-oral eficiente.blogspot.com/2011/07/era-la-triada-matriz-de-la-comunicacion_16.html . Acesso em 04 out. 2024.

COSERIU, Eugênio. Sistema, norma e fala. *In*: COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e linguística geral** (cinco estudos). Rio de Janeiro: Presença/Ed. da USP, 1979, p.13-85.

COSERIU, Eugênio. **Competência linguística**: elementos da teoria de hablar. Madrid: Gredos, 1992.

COSERIU, Eugenio; LAMAS, Óscar Loureda. **Linguagem e discurso**. Trad. Cecília Inês Erthal. Curitiba: UFPR, 2010.

CROCE, Benedetto. **Aesthetic as science of expression and general linguistic**. New York: Noonday Press Edition, 1966.

DASCAL, M. (Org.). **As convulsões metodológicas da linguística contemporânea**: fundamentos metodológicos da linguística, perspectivas da linguística. Campinas: Edição do autor, 1982, Vol. IV.

DELACROIX, Henri. **Le langage et la pensée**. Paris: Félix Alcan, 1930.

ELIA, Sílvio. **Orientações da linguística moderna**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

FREITAG, R. M. K.; CRUZ, R. C. F.; NASCIMENTO, T. da C. The grammar in the

body: on embodied resources in meaning construction and negotiation. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. e354, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id354. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/354>. Acesso em: 4 out. 2024.

LOPES, Bruno Silva. **A dinamicidade lexical em textos de domínio público**: ecos das eleições de 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2011, p.114. Disponível em : <https://www.btdt.uerj.br:8443/bitstream/1/6360/1/Bruno%20Lopes%20%20dissertacao>. Acesso em: 04 out. 2024

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.

MACEDO, Walmírio. **Elementos para uma estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. São Paulo: USP, 2012.

MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WEINRICH, Harald. **Lenguaje em textos**. Madrid: Gredos, 1981.